



UMA HISTÓRIA DE GARIMPOS E GARIMPEIROS:

Tesouro e Batovi, Mato Grosso, Brasil

(Primeira Parte)

jblucidio@hotmail.com

João António Botelho Lucídio¹
Universidade Federal de Mato Grosso

Resumen

O trabalho apresenta aspectos do cotidiano numa zona de garimpos: 'viver no sertão'. O texto transmite as vozes das pessoas, enquanto sujeitos sociais, que viveram entre os séculos XIX e XX na região conhecida como o 'Leste antigo de Mato Grosso', e concretamente nas comunidades de Tesouro, distrito de Batovi. Trata-se de um trabalho realizado a partir de entrevistas, pesquisa em arquivos y literatura histórica. Esta região foi território dos Bororo Orientais, os quais foram finalmente 'pacificados', estudando este artigo o papel do estado, a igreja e a sociedade civil neste processo. A partir desse análise, se exploram os modos de viver e as estratégias que as populações não indígenas elaboraram para viver naquele sertão depois do descobrimento das minas diamantíferas.

Palabras Clave

Garimpos - Garimpeiros - Mato Grosso - Sertão

¹ Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1990) e Doutor em História pela Universidade Nova de Lisboa (2013).



UNA HISTORIA DE GARIMPOS Y GARIMPEIROS:

Tesouro y Batovi, Mato Grosso, Brasil

(Primera Parte)

jblucidio@hotmail.com

João António Botelho Lucídio
Universidade Federal de Mato Grosso

Abstract

Este trabajo muestra aspectos de lo cotidiano en una zona de minería de garimpo: 'vivir en el *sertão*'. Se ha procurado oír y transmitir las voces de las personas, como sujetos sociales, que entre los siglos XIX y XX vivieron en el área conocida como 'el Este antiguo de Mato Grosso', y en concreto en las comunidades de Tesouro, distrito de Batovi. El trabajo se ha realizado a partir de entrevistas, investigación en archivos y literatura histórica. Esta región fue territorio de los Bororo Orientales, quienes fueron finalmente 'pacificados', explicándose en este artículo el papel que el estado, la iglesia y la sociedad civil jugaron en el proceso. A partir de aquí, se analizan y explican los modos de vida y las estrategias que las poblaciones de no indígenas elaboraron para vivir en aquel *sertão* después del descubrimiento de las minas diamantíferas.

Key Words

Garimpos - Garimpeiros - Mato Grosso - Sertão

Introdução²

Tesouro e Batovi são dois núcleos urbanos que surgiram na década de 1920. A história das pessoas ali radicadas é parte dos deslocamentos humanos que o Brasil e, particularmente, a sua região Nordeste, vivenciava na primeira metade do século passado. Em busca de dias melhores e de riquezas, milhares de pessoas, ocuparam o leste do estado de Mato Grosso, sobre o território do povo indígena chamado Bororo.

Nos dias atuais, o município de Tesouro localiza-se na região sudeste de Mato Grosso e tem sob sua jurisdição o distrito de Batovi. Seus vizinhos limítrofes são Guiratinga, General Carneiro, Pontal do Araguaia e Poxoréo, com os quais, em intensidade variada, estabelece relações de comércio. Consta do censo realizado em 2000 que sua população era de 3.132 habitantes.

O município é cortado pelo rio das Garças e seus afluentes em seu médio curso. Outrora piscoso, o rio foi bastante atacado pelo homem. Primeiro os garimpos assorearam suas águas. Nos anos de 1970 e 1980, pela ordem, vieram mecanização dos campos, com uso excessivo de agrotóxicos, que os poluíram, seguidos de um turismo de pesca sem orientação e predatório; depois, vieram os inescrupulosos pescadores profissionais. Sem contar a pesca feita pelos munícipes desde os anos de 1920.

² O texto que ora trazemos a público, foi escrito há anos passados, em 2002. Seu propósito inicial era servir como apoio aos partícipes de um Projeto Social intitulado 'Povo do Maracujá', que era então desenvolvido por homens e mulheres que tinham suas vidas ligadas à extração de diamantes na localidade chamada de Batovi, distrito do município de Tesouro, estado de Mato Grosso, Brasil. O formato inicial do texto era uma espécie de Relatório que visava demonstrar aspectos da ocupação do espaço, surgida a partir da extração de diamantes, numa área conhecida como 'antigo leste de Mato Grosso', onde o município de Tesouro e seu distrito o Batovi se inserem. Com base em 18 entrevistas e em investigações em arquivos e na literatura de caráter histórico, queríamos lançar algumas reflexões e, ao mesmo tempo, contar sobre aspectos do viver em uma zona de garimpo. Em consonância com o Projeto Social que então era levado a cabo, ao buscarmos ouvir as vozes de pessoas que haviam sido partícipes da história daquela comunidade, e cujos filhos e netos agora buscavam, mais uma vez, tomar em suas mãos as rédeas do seu viver cotidiano, era nossa intenção conferir-lhes um certo protagonismo. Em respeito à proposta inicial optamos por não alterar a essência do texto. Fizemos intervenções superficiais na forma e não no conteúdo do mesmo. É fato que, ao longo dos anos que passaram, trabalhos que nos referimos como teses foram publicados, bem como novas investigações sobre o espaço/tempo 'leste de Mato Grosso' surgiram. Para que o leitor tenha conhecimento dos mesmos e para mantermos o nosso propósito indicamos tais textos nas referências bibliográficas. Devemos ainda esclarecer que tal pesquisa foi financiada pelo SEBRAE/MT, instituição responsável por orientar as ações do projeto Comunidade Ativa no estado. Tal atitude é fruto da compreensão do órgão sobre a importância da comunidade do Batovi e do Tesouro sentirem-se partícipes e protagonistas da história dos garimpos em Mato Grosso. Agradecemos a confiança depositada. Finalmente, gostaria de externar meus agradecimentos aos entrevistados (cerca de metade in memoriam). Para além de compartilhar suas lembranças, alegrias, dores e esperanças, autorizaram-me a, não só identificá-los, como citar os seus nomes. Espero, sinceramente, ter sido capaz de respeitá-los em suas humanidades. Por seu tamanho, o trabalho foi dividido em duas partes, e aqui publicadas sucessivamente: uma primeira com a exposição geral do tema de estudo, outra segunda, proximamente, com os estudos de caso.

A exploração econômica garimpeira que lhe deu origem, e que fornecia sua base de sustentação, encontra-se, desde a década de 1970, em franca decadência. A partir de então, os habitantes do município têm procurado alternativas e vem criando estratégias para garantir as suas sobrevivências.



Paisagem entre a cidade de Guiratinga e Rondonópolis - MT. Foto: Rômulo Fraga.

Nos anos de 1970/80, o município viveu a experiência da mecanização dos seus cerrados e campos de criar e foi inserido no projeto nacional de transformar o Mato Grosso e o Brasil, respectivamente em 'Celeiro do Brasil' e 'Celeiro do Mundo'. Do ponto de vista social o resultado não foi dos melhores. Os antigos fazendeiros ali radicados, pouco afeitos aos mecanismos dos sistemas bancário e financeiro, fizeram empréstimos, contraíram dívidas e perderam suas propriedades. Além da concentração fundiária, o uso de máquinas limitou as possibilidades de emprego.

Na mesma época, o garimpo manual, foi substituído pelo mecanizado. Para além dos problemas ambientais, tal medida reduzia o número de pessoas empregadas nas atividades garimpeiras. Todos esses fatores fizeram com que, nos últimos trinta anos, o município sofresse um lento e contínuo processo de êxodo.

Assim, currutelas como as do Cassununga, do Corgo D'Anta e do Monchão Dourado, desapareceram.

Entretanto, uma parcela significativa de sua população não se afastou do município e continuou à procura de novos meios de subsistência. Nos anos de 1990, surgiu um projeto que deu origem ao chamado 'Povo do Maracujá', que empregou uma parte dos garimpeiros do distrito de Batovi. Mesmo assim, ainda hoje, a maior parcela da sua população continua em busca de melhores condições de vida.

Para entender como, ao longo do tempo, as pessoas que se radicaram na faixa de terras que se convencionou chamar de leste de Mato Grosso construíram suas relações, seja com o meio, seja uns com os outros, é que se procedeu a esta investigação.

O texto ora apresentado é composto de três partes: 'Leste de Mato Grosso: o viver no sertão' (publicada neste artigo), 'Dois estudos de caso: Tesouro e Batovi', e 'A história do Tesouro e do Batovi se entrelaçam na crise' (que vão ser publicadas no próximo número de *Americanía*).

O primeiro momento apresenta a região leste de Mato Grosso e os sujeitos sociais que nela viveram na passagem do século XIX para o XX. Iniciando com uma breve localização do espaço físico, o texto envereda por apresentar os elementos humanos que ali conviveram ao longo dos primeiros anos do século passado.

Esta parte foi dividida em dois momentos: o primeiro apresenta a região como território dos Bororo Orientais, e narra como se deu a sua 'pacificação', bem como o papel que estado, igreja e sociedade civil jogaram naquele processo. O segundo, trata dos modos e das estratégias que as populações de não indígenas elaboraram para viver naquele sertão após a descoberta das minas diamantíferas.

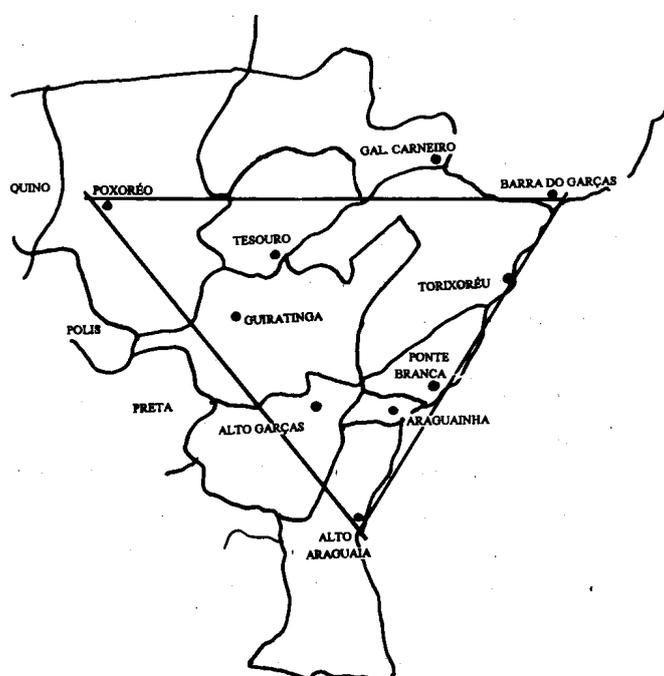
Leste de Mato Grosso: o viver no sertão

Do ponto de vista do espaço geográfico, o que se denominava de leste de Mato Grosso, até 1978³, começava desde as nascentes dos rios das Mortes, das Garças e Araguaia e ia até a confluência dos dois primeiros no último, em terras da bacia Amazônica. Complementava o cenário, mais altas cabeceiras e afluentes dos

³ Com a divisão do estado de Mato Grosso em 1978, a sua porção de terras à leste passou a ser designada de sudeste do mesmo estado.

nome que lhe foi conferido advém de seu relevo característico, onde se sobressaem os paredões quase verticais e as serras tabulares, que nada mais são que testemunhos do antigo relevo fortemente erodido⁵.

Por aquela mesma década, após várias divisões administrativas, o leste mato-grossense comportava os seguintes municípios e distritos: Alto Araguaia (Alto Garças, Itiquira e Ponte Branca); Guiratinga (Alcantilado, Batovi, Cassununga, Tesouro e Torixoréu); Barra do Garças (Araguainha, Cocalinho, São Felix); e Poxoréu (Alto Coité, Coronel Ponce, Ponte de Pedra, Rondonópolis e Toriparu). Segundo o estudioso Basileu Toledo de França, tal região pode ser denominada de 'Triângulo dos Diamantes'⁶.



Fonte: França, Basileu Toledo, *O Triângulo dos Diamantes*, Ed. da UFG, Goiânia, 1994.

Os primeiros anos da história dos municípios do antigo leste mato-grossense são bastante parecidos. Tratá-los em suas especificidades, às vezes, pode parecer tarefa desnecessária para pesquisadores e leitores menos perspicazes.

A título de ilustração podemos dizer que: a) o povo indígena que habitava a região era o mesmo, os Bororos; b) os fazendeiros ali radicados provinham de Goiás

⁵ Drumond, C., *Contribuição do Bororo a Toponímia Brasileira*, Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 1965.

⁶ França, Basileu Toledo, *O Triângulo dos Diamantes*, Ed. da UFG, Goiânia, 1994.

ou de Minas Gerais e, muitos deles, para além de possuírem propriedades em dois ou mais municípios, espalharam seus filhos e parentes por distintas localidades, como é o caso dos Vilela, dos Moraes, dos Rezende, dos Ribeiro, dos Balbino, entre outros; c) os padres que os atendiam espiritualmente e os educavam eram salesianos; d) na mineração a maioria dos migrantes, ligados aos garimpos e aos serviços urbanos, provinha de estados do nordeste do Brasil.

Mas as semelhanças acabam aí. Cada pequena currutela garimpeira surgida a partir das décadas de 1910/20 tem sua própria história e identidade. O modo como as pessoas ali radicadas estabeleceram relações uns com os outros e com o meio é peculiar e confere a cada uma das localidades garimpeiras historicidade única.

Vejamos alguns aspectos do modo como se processou, ao longo da passagem dos séculos XIX e XX, a ocupação da faixa de terras convencionalmente chamada de leste mato-grossense.

Território Bororo desde pelo menos o século XVII, aquela faixa de terra, começou a ser disputada por não índios, fazendeiros oriundos de Minas Gerais e Goiás, a partir de 1880. Dez anos depois, instalada a república, o governo brasileiro, concluiu a Linha Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia, ao longo da qual se abriu uma estrada carreteira, o que facilitou o afluxo de fazendeiros para a área⁷. Ao alvorecer o novo século (1901) os padres salesianos saíram de Cuiabá, instalaram-se sob o abrigo das Linhas Telegráficas, e encetaram a catequese dos Bororos Coroados ou Orientais.

Os contatos entre os moradores do Cuiabá e os grupos Bororos radicados a leste daquela vila/cidade remontam ao século XVIII. Se entre 1720 a 1750 houve uma convivência tolerável entre eles e os moradores das minas do Cuiabá, a mesma foi rompida por volta de 1760. Isto se deveu aos maus tratos a que aqueles índios foram submetidos. Ao longo do século XIX foram caçados e escravizados e reagiram atacando as propriedades e viajantes que se aventuravam pelo caminho terrestre para Goiás. Malgrado a perseguição sofrida, mantiveram os não índios afastados de suas terras desde meados do setecentos até o final dos oitocentos.

⁷ Este trabalho marcou o início das atividades de Cândido Mariano da Silva Rondon nos sertões de Mato Grosso. Segundo palavras desse militar, foi nesse período que começou a por em prática os ideais do pensamento positivo no trato para com os índios e formulou a expressão síntese de suas ações: "*morrer se preciso for, matar nunca*". Finda a construção da Linha Telegráfica, em 1890, foi novamente designado para a região e diz que, desde então, começou o lento processo de aproximação com os Bororos do Alto São Lourenço e do rio Vermelho.

Como se pode deprender da narrativa de Renate B. Viertler, desde a década de 40 do século XIX que o governo provincial de Mato Grosso autorizava a realização de Expedições Punitivas ao povo Bororo do vale do São Lourenço e dos que faziam 'correrias' pelo caminho para Goiás. A luta pela 'pacificação' de tal povo foi se acirrando ao longo daquele século, e tomou contornos mais dramáticos com a instalação das Colônias Militares em 1885⁸.



Cena do ritual fúnebre Bororo. Fonte: Rondon, Cândido Mariano da Silva, *Índios do Brasil: das cabeceiras do rio Xingu, rios Araguaia e Oiapoque*, CNPI / Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1953, v II, 1917.

Sobre as Expedições Militares, vejamos o que nos informa a narrativa de alguns autores de época:

“Atendendo ao clamor público, o governo via-se na necessidade de enviar para os sertões bandeiras, mais ou menos numerosas, para reprimi-los, apesar de reconhecer-se, pela longa experiência de mais de um século, que semelhantes expedições causavam grandes despesas e cometiam às vezes

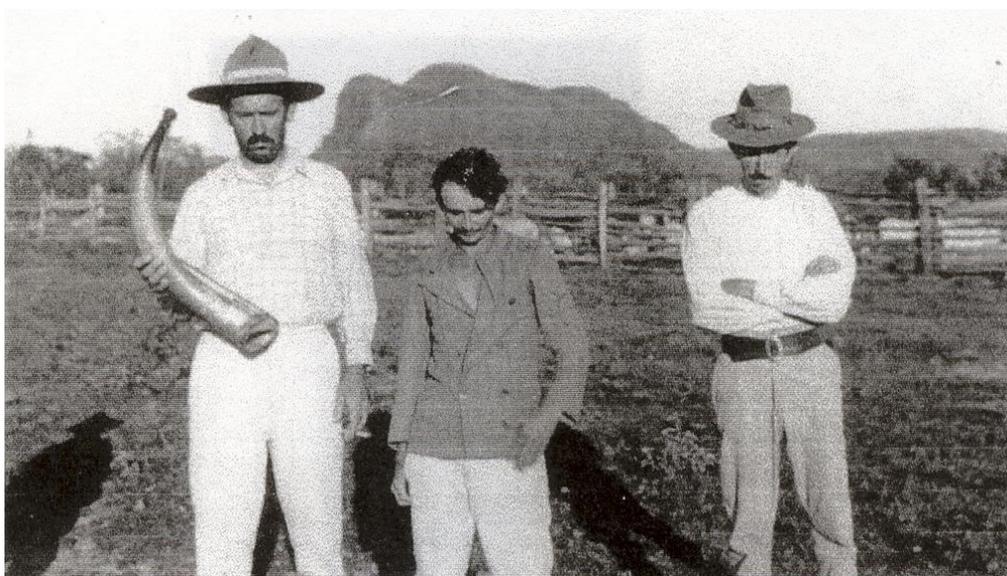
⁸ Viertler, Renate Brigitte, *A duras penas. Um histórico das relações entre índios Bororo e 'civilizados' no Mato Grosso*, São Paulo, FFLCH-USP, 1990, 60 e sg.

atos de barbaridade. A morte de muitos adultos e a captura de algumas crianças, eram somente o que resultava dessas expedições..."⁹

Todavia, a ação invasora e a ocupação definitiva sobre os territórios dos Bororos Orientais só viriam a se efetivar a partir de 1890, quando, nos vales dos rios Araguaia e Garças, se instalaram fazendeiros oriundos de Minas Gerais e Goiás. Ao mesmo tempo, outra onda migratória descia o rio Cuiabá e subia pelos pantanais do São Lourenço e ocupava os espaços tradicionais dos Bororos Porrudos.

Perseguidos pelas muitas expedições militares, pelos fazendeiros e inferiorizados pela superioridade das armas de fogo dos adversários, os índios Bororos fugiam para retornar e, às escondidas, revidar, matando famílias de fazendeiros nas propriedades e aos viajantes aos quais tocavam as margens do caminho para Goiás.

Década de 90, do século XIX. Tocando seus rebanhos bovinos e cavalares, acompanhados de parentes, camaradas e agregados, e carreando toda sorte de objetos que possuíam em sua região de origem e que lhes poderiam ser úteis, caravanas de famílias atravessaram o rio Araguaia e enfrentaram o 'desconhecido'.



Com o berrante à mão, o fazendeiro Juca Balbino que veio ainda criança trazido pelo pai um dos primeiros a abrir fazendas na região Leste. Fonte: Guimarães Neto, Regina Beatriz, *Grupiaras e monchões: Garimpos e cidades na história do povoamento do leste de Mato Grosso - primeira metade do século vinte*, UNICAMP, Campinas, 1996.

⁹ Caldas, João Augusto, *Memória Histórica sobre os indígenas da Província de Mato Grosso*, Tipografia Moraes, Rio de Janeiro, 1887, 19-20.

Na luta, muitos dos invasores pereceram, mas, no final, acabaram vitoriosos. Os fazendeiros açambarcaram todo o território que puderam, abriram estradas, navegaram rios, fundaram posses, derrubaram a mata, plantaram roças, construíram casas e povoaram os campos de bois e cavalos. Fizeram guerras com os contingentes nativos, matando-os, subjugando-os e apropriando-se de suas terras e de seus corpos¹⁰. São muitos os relatos dos massacres ocorridos em ambos os lados.

Reproduzimos abaixo dois relatos de época que, de certa maneira, deixam perceber como eram tensas as relações entre os Bororos, cuiabanos e fazendeiros migrantes que, pouco a pouco, tomavam posse de seus vastos domínios. Segundo o viajante Karl Von Den Steinen,

*"Dizem que nos anos de 1875-1880 os Bororos incendiaram 43 casas, mataram 204 pessoas (134 homens, 46 mulheres, 17 crianças, 7 escravos) e feriram 27 pessoas (11 homens, 6 mulheres, 3 crianças, 7 escravos). Quantos Bororo foram mortos - não se conta"*¹¹.

Ainda sobre o mesmo tema a narrativa da antropóloga Renate B. Viertler, informa que:

*"Em 1890, na região do Araguaia, foi assassinada a família de Manuel Inácio, em vingança a um delito cometido por um feitor de Goiás que, envenenando a água de um poço matara quase 200 Bororo. Reavivaram-se as hostilidades, vitimando a família do fazendeiro Clarismundo da mesma região, que lograra escapar com vida do ataque e... vingar-se por meio de um massacre de mais de 100 Bororo"*¹².

O alvorecer do século XX trouxe mais três elementos para o cenário leste mato-grossense: os padres da Ordem Salesiana, o então Capitão de Engenheiros Cândido Mariano da Silva Rondon e os garimpeiros, com seus coadjutores.

¹⁰ Na década de 1890, fazendeiros começaram a se instalar na margem esquerda do rio Araguaia e no vale do rio São Lourenço, entre os quais deixaram registros: João José de Moraes Cajango, que fundou a fazenda Boa Vista nas cabeceiras do rio das Garças, Antônio Cândido de Carvalho, Luiz Antônio de Moraes, João Balbino de Moraes, seguido pelos Ribeiros e Vilelas, com fazendas nas regiões do rio Sangradouro; Antonio Barcelos, que instalou duas fazendas no rio Vermelho entre tantos outros que não deixaram registros. Ferreira, Jurandir Pires, *Enciclopédia dos municípios brasileiros* e Xavier, Jurandir da C., *O Poxoréo e o Garças. A saga dos garimpeiros*, Ed. Calendários do Sol, Cuiabá, 1999.

¹¹ Steinen, Karl von den, *Entre os Aborígenes do Brasil Central*, Dep. de Cultura de São Paulo, São Paulo, 1940, 572.

¹² Viertler, Renate Brigitte, *A duras penas. Um histórico das relações entre índios Bororo e "civilizados" no Mato Grosso*, 1990, 67.

A ação de Rondon junto ao povo da nação Bororo, ainda que com estratégias diferentes das utilizadas até então, foi intensa e ocorreu entre 1890 e 1900. Após 1910, com a criação do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), empenhou-se em demarcar suas terras. Com tal medida, preocupava-se em manter a sobrevivência física e cultural de seu povo, uma vez que se dizia e se reconhecia como descendente de Bororo.

No caso específico dos Bororo do rio das Garças, onde se inserem os dois objetos deste estudo (o Tesouro e o Batoví), as relações entre Rondon e os indígenas ocorreram do modo como se segue. Entre 1890-91 foi construída a Linha Telegráfica de Cuiabá ao Araguaia, da qual Rondon participou como oficial. De 1892-98, Rondon, no cargo de Chefe do Distrito Teleográfico de Mato Grosso, procedeu a esforços no sentido de sua defesa e 'pacificação' -em especial os situados no rio São Lourenço.

Não só conseguiu a amizade daquele povo, como aprendeu sua língua e os utilizou nos trabalhos de reconstrução das linhas telegráficas. Também os fazendeiros, vindos de estados vizinhos, que a cada dia cresciam em número no território mantido pelos Bororo desde final do século XVII, se beneficiaram desta 'pacificação'.

Atuando em um período concomitante ao dos salesianos, Rondon, com uma sólida formação positivista, em sua obra catequizadora, absteve-se dos princípios cristãos, mas insistia na necessidade do índio, aos poucos, vir a se integrar à sociedade nacional, dentro dos princípios morais e de trabalho então vigentes.

Ainda na região do Garças, os salesianos, aproveitando-se da movimentação geral em favor da 'pacificação' dos índios Bororo, estabeleceram colônias próximas às aldeias. Chegaram em 1902 e fundaram as Colônias do Sagrado Coração de Jesus do Meruri, no rio Barreiro, da Imaculada Conceição (1904-18), às margens do rio das Garças e de São José, em 1906, no rio Sangradouro.



Aula de corte e costura para as meninas Bororo. Colônia do Sagrado Coração de Jesus. Fonte: Missões Salesianas em Matto Grosso: 1894 – 1908, Catálogo preparado para a Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908.

A ação dos salesianos ocorreu em duas frentes: a) nos serviços de 'pacificação' do povo Bororo Oriental; b) na assistência religiosa em casamentos, missas, batizados, etc., ocorridos nas muitas fazendas que a cada dia proliferavam pelo território tradicional Bororo. Na década de 1920, com o surgimento das currutelas garimpeiras, as incorporou em seu itinerário salvacionista.

Com o passar do tempo, lenta e cautelosamente, os salesianos procuraram transformar as novas aldeias dos Bororo, as missões, em núcleos urbanos 'civilizados', e os Bororo em cristãos e trabalhadores nacionais úteis à Pátria. O discurso que fundamentava a ação salesiana pautava-se no tripé: Moral, Trabalho e Civismo. Foi em uma dessas aldeias que se estabeleceu um colégio, em regime de internato para cuidar da educação dos filhos de fazendeiros e de garimpeiros de posses da região.

Nas currutelas garimpeiras, os salesianos se dedicaram a não só salvar almas como a educar os filhos dos garimpeiros, dos profissionais liberais e dos prestadores de serviços em geral que ali viviam. Para tanto, erigiram Igrejas e Colégios, procederam a estudos, elaboraram relatórios e levantamentos sobre o perfil religioso das pessoas que migravam para a região e propuseram um plano de ação. Um Relatório, datado de maio de 1938, nos dá uma ideia da ação salesiana pelo leste de Mato Grosso.

Prelazia Nullius de Registro do Araguaia – 1925/1938

(Resumo Comparativo dos Trabalhos Desenvolvidos pelos Salesianos)¹³

Ano	1925	1938
Superfície	275.000 km ²	275.000 km ²
Pessoal Missionário	44 membros: 15 sacerdotes 11 irmãos coadjutores 18 irmãs	43 membros: 18 sacerdotes 08 irmãos coadjutores 19 irmãs
População Civilizada	3.000 habitantes	60.000 habitantes 70% garimpeiros 5% lavradores 25% outras profissões
População Indígena	Uma Tribo: Bororo	Três Tribos: Bororos (30% batizado) Carajás Xavantes
Missão Indígena	Duas	Três permanentes e duas volantes
Parochias	Duas	Quatro
Igrejas	Cinco	Vinte e duas*
Collegios indígenas	Dois masculinos Dois femininos	Dois masculinos Dois femininos
Collegios civilizados	Um masculino Um feminino	Três masculinos Três femininos Uma escola parochial

¹³ Relatório enviado à Inspetoria Salesiana de São Paulo, pelo padre Jean Doroure, Vigário Delegado da Prelazia de Registro do Araguaia em 1938. Arquivo da Diocese de Guiratinga, MT.

Vale ressaltar que, apesar do número de Igrejas, o quadro das religiões professadas indicaria uma discrepância, vejamos: 5% de Catholicos Praticantes; 69% de Baptisados Sympaticos; 20% Baptisados Indifferentes; 3% de Baptisados espíritas ou sympaticus ao espiritismo; 2% Protestantes; e 1% Pagões.

Considerando os dados acima apresentados tais como: a) o aumento impressionante da população, b) a criação de colégios para atender os civilizados, c) o aparecimento de vinte novas Igrejas, d) a fundação de vinte e seis novos núcleos urbanos, entre cidades e currutelas, não há como negar, ou mesmo minimizar, a importância da presença salesiana em tal espaço histórico e cultural.

Aos poucos, fosse pela força das armas, ou pela cooptação na 'Fé no Sagrado Coração de Jesus e na Santa Cruz', os Bororo, viram sua resistência ser minada e capitularam. Uns ficaram sob a tutela da Igreja (as missões salesianas). Outros se subordinaram a Rondon e depois ao Serviço de Proteção ao Índios e, um terceiro grupo, permaneceu autônomo até ser dizimado, nos anos setenta do século passado¹⁴.

As expedições militares, os fazendeiros, os salesianos e Rondon 'amansaram' os Bororos, devassaram seus territórios e abriram novas estradas, solidificando as ligações terrestres das gentes não-índias, radicadas no sertão leste de Mato Grosso com Cuiabá, Minas Gerais e Goiás, e daí com São Paulo e Rio de Janeiro. Do contato de alguns fazendeiros com índios foi que surgiu a notícia das pedras que brilham.

Alguns dos fazendeiros que se radicaram nos vales do rio Araguaia e das Garças eram provenientes de regiões diamantíferas de Minas Gerais¹⁵. Assim, é provável que os cascalhos que afloravam em seus campos de criar bois e cavalos, desde cedo, tenham atiçado suas cobiças.

Para ilustrar como se deram as buscas pelos diamantes no leste de Mato Grosso, ou melhor, no divisor de águas das bacias Araguaia/Garças (bacia Amazônica) e Taquari/São Lourenço/Itiquira/ (bacia Platina), vamos rastrear a ação de dois de seus personagens privilegiados pelos historiadores: Antônio Cândido de Carvalho e João José de Moraes Cajango.

¹⁴ Viertler, Renate Brigitte, *A duras penas...*

¹⁵ Segundo se afirma, "Cajango viera da Vila do Prata, localidade do Estado de Minas Gerais próximo ao rio Bagagem, muito conhecida pelos monchões e grupiarias diamantinos que se estendiam em suas margens, ao longo de extensa trajetória". Xavier, Jurandir da C., *O Poxoréo e o Garças*, 29.

Antônio Cândido de Carvalho foi um dos primeiros fazendeiros de gado a se instalar no alto vale do rio Itiquira¹⁶ e um dos precursores das expedições exploratórias dos rios Garças, Itiquira e São Lourenço em busca de metais preciosos, ao que tudo indica, ouro. Já para o ano de 1926, Virgílio Corrêa Filho o chamava de 'Sertanista Audaz'. A antonomásia não é sem razão. Entre os anos de 1897 e 1903, o mesmo comandou três entradas pelo leste de Mato Grosso, em pleno coração do país dos Bororos Orientais.

A mais famosa das expedições de Antonio Cândido foi aquela realizada em 1897, da qual deixou um Relatório enviado ao 'Governo do Estado de Mato Grosso'. Nesse documento, informava sobre suas peripécias, devassando, principalmente, o rio das Garças das nascentes à foz, por mais de 70 léguas, ou cerca de 420 Km.

Vejamos o que nos diz sobre essa Expedição o historiógrafo Estevão de Mendonça em livro seu *Datas Mattogrossenses*:

*"1897 – Parte do porto Itiquira, à margem direita do rio do mesmo nome, uma expedição composta de Antonio Cândido de Carvalho, Celso Pasini, José Francisco Vilela e Bonifácio de Ribeira Macedo, acompanhados dos camaradas Salustiano Duarte Moraes, Manuel Pedro Serra Dourada, Manuel Francisco de Oliveira, e Balduino Jose da Silva, com o fim de efetuar a exploração rio das Garças"*¹⁷.

A leitura dos trechos publicados por Estevão de Mendonça deixa transparecer que o Relatório informa sobre mais de uma viagem, e em cada uma delas Antonio Cândido teria redimensionado as informações constantes e correntes sobre as nascentes e os cursos d'água do divisor norte/sul, bem como sobre a navegabilidade dos rios que singrou. Alguns fragmentos de sua narrativa:

"O rio das Garças nasce na serra da Saudade... o rio emenda as águas com as do Itiquira e desce já formado da serra, sendo navegável a uma légua, mais ou menos, de distância da mesma. Devido a falsas tradições de sertanejos, fomos procurar o Garças em outra bacia, dando este desvio em resultado o descobrimento das cabeceiras do Rio Floriano Peixoto, o Kogháo-paro dos indígenas. Em nossa primeira exploração ao Rio Vermelho, tínhamos

¹⁶ Segundo o autor supra citado, sua fazenda localizava-se às margens do rio Ponte de Pedra (afluente rio Vermelho e que corre paralelo ao Itiquira). Xavier, Jurandir da C., *O Poxoréo e o Garças*, 16.

¹⁷ Relatório da Exploração de Antonio Cândido, auxiliado pelo engenheiro C. Pasini, datado de 1897 e pouco antes. Apud Mendonça, Estevão de, *Datas Mattogrossense*, 2 vols. 2 ed., Rio Bonito, Goiânia, 1973, 319 e 320.

*fundamentos para acreditar... supondo ser esta água grande o rio das Garças. Em nossa segunda viagem... O rio das Garças foi por nós navegado quase 70 léguas... Pela sua posição geográfica a respeito do Itiquira e sua conformação grandiosa, constitue o verdadeiro trait d'union entre a bacia do Amazonas e do Prata"*¹⁸.

Segundo um dos muitos estudiosos da história da ocupação do Garças, Antonio Cândido estaria procurando ouro, e não diamantes¹⁹. O mesmo, parte da hipótese de que o sertanista teria se confundido com o sentido da palavra da língua Bororo *Toricuiêje*. Tal palavra é usada para designar 'pedras brilhantes ou pedra que brilha como as estrelas do céu'. Antonio Cândido a teria entendido brilho como ouro, e não diamante. O certo é que ele tentou encontrar riquezas minerais em tal território.

A sequência de sua narrativa deixa evidentes dois pontos: a sua origem como fazendeiro ao destacar em seu Relatório a fertilidade dos campos de criar; e a indicação de suas intenções ao se referir aos depósitos de cascalho.

*"São magníficos os campos das cabeceiras do Floriano Peixoto e os sertões do Garças, rico em boas pastagens, e mattas de cultura. Nos barrancos do rio das Garças, temos observado importantes depósitos alluvionaes de cascalho diamantino"*²⁰.

Reza boa parte da historiografia mato-grossense que, ao findar a primeira década do século XX, João José de Moraes Cajango²¹, o Cajango, investigava junto aos Bororos a possibilidade de encontrar diamantes em seus vastos domínios²². Segundo a tradição, o índio Bororo conhecido pelos fazendeiros como André teria indicado que, no córrego Cassununga, afluente do Garça, existiam as pedras que brilham ou, na sua língua, *Toricuiêje*. Por essa época, chegava à fazenda de Cajango, Feliciano Cezilos dos Santos, garimpeiro egresso da Chapada Diamantina, na Bahia.

¹⁸ Relatório da Exploração de Antonio Cândido..., 319 e 320.

¹⁹ Xavier, Jurandir da C., *O Poxoréo e o Garças*, 16.

²⁰ Relatório da Exploração de Antonio Cândido..., 320.

²¹ Segundo Xavier, "João José de Moraes Cajango²¹, o Cajango, viera de Minas Gerais em companhia de seu sogro e até aquele tempo seu patrão. Desafiando desconforto e perigos, fundaram nas cabeceiras do rio das Garças a fazenda Boa Vista". Xavier, Jurandir da C., *O Poxoréo e o Garças*, 29.

²² Aqui cabe um esclarecimento. Quem de fato deu início e às explorações em busca de diamantes no leste de Mato Grosso foi Antonio Candido de Carvalho (1897). Mas o mesmo faleceu antes que os diamantes fossem descobertos. Corrêa Filho, Virgílio, *À cata de ouro e diamantes*, Paulo Pongetti & Cia, Rio de Janeiro, 1926.

Com as informações obtidas dos Bororo e com o apoio financeiro de Cajango, Cezilos formou uma pequena expedição composta por oito pessoas²³ e, em 1909, aventurou-se em busca dos diamantes. Dificuldades à parte, as primeiras gemas foram encontradas nesse mesmo ano na barra do rio Cassununga com o Garça, conforme as informações do índio Bororo de nome cristão André.

Entre os anos de 1909 e 1910 as prospecções dos diamantes ficaram restritas àquele pequeno grupo. No momento em que Cajango vendeu suas pedras em Minas Gerais e Cezilos em Cuiabá, a notícia espalhou-se pelo Brasil como um rastilho de pólvora. Conforme atesta Virgílio C. Filho:

*"Nas pegadas dos garimpeiros caminharam os mascates ambulantes, os tropeiros, ao passo de seus cargueiros, pejados de gêneros, que o mercado insaciável dos garimpeiros absorvia por preço elevado, os logistas (sic), mais propensos à fixidez, e, por fim, quando se avantajou a produção, ao capangueiros, ou compradores de diamantes. E vieram também jogadores solertes e meretrizes impudicas, sócios inseparáveis da opulência"*²⁴.

Sofrendo toda a sorte de misérias e provações, pessoas dos mais longínquos pontos do Brasil, e mesmo estrangeiras, como os Árabes (Sírios/Libaneses), enfrentaram o sertão desconhecido. Chegavam a pé, pelos rios ou a cavalo. Procediam de vários Estados, dentre os quais se destacaram a Bahia, o Maranhão e Minas Gerais.

Ao verificarmos as publicações de viés histórico sobre o leste mato-grossense percebemos que as notícias sobre suas minas de diamantes parecem se concentrar a partir de 1925, mais precisamente com o episódio ou guerra mais conhecido como 'Morbeck versus Carvalhinho'. E os anos de 1909 a 1925?

²³ Eram eles: Feliciano Cezilos dos Santos e sua esposa Joana Francisca de Jesus, Zé Luiz, Zelino, Chico Preto, Ângelo Italiano, Manezinho Cuiabano, um Bororo que tomou para si o nome de Cajango e a mulher Maria Barbosa. Xavier, Jurandir da C, *O Poxoréo e o Garças*, 32.

²⁴ Corrêa Filho, Virgílio, *À cata do ouro e diamantes*, 65-66.



Garimpeiro lavando o cascalho com a bateia no rio Araguaia. Fonte: Rondon, Cândido Mariano da Silva, *Índios do Brasil: das cabeceiras do rio Xingu, rios Araguaia e Oiapoque*, CNPI/Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, 1953, v II.

Existe um vazio de informações. Parece haver uma intencionalidade em se não registrar a presença de homens e mulheres de origem cuiabana na região do Garças. Vejamos o que nos informa Virgílio C. Filho:

"E, de anno para anno, entrou a avultar o numero dos fascinados pelos diamantes do Garças, cuja nomeada se propagou aos districtos dos garimpeiros, que entregavam a essa industria, em Minas, na Bahia... Vinham em maioria, da Bahia, palmilhando os sertões goyanos, em centenas de leguas, ou do Maranhão, e estados vizinhos, remontando o Araguaya..."²⁵.

O autor insiste, por mais de uma vez, em 'esquecer' a presença cuiabana na região. Sua fala atribui a ocupação do espaço aos garimpeiros errantes, 'gente sem eira nem beira'. Ora, se algumas pessoas chegaram a andar mais de 2.000 Km a pé para alcançar os garimpos de Mato Grosso, por que os mato-grossenses não poderiam andar pouco mais de 200 km para tentar se enriquecer?!

O processo inicial de chegada, exploração das minas, comércio e surgimento das currutelas é muito pouco abordado pela historiografia ligada ao poder político local. Lembramos que o historiógrafo Virgílio Correa Filho era genro do

²⁵ Corrêa Filho, Virgílio, *À cata do ouro e diamantes*, 65 e 67.

Presidente do Estado, Pedro Celestino Correa da Costa, que governou o Mato Grosso por duas vezes entre 1910 e 1925. Tentaremos, a seguir, lançar algumas reflexões sobre o período e vamos chamar os anos, de 1909 até 1925, de fase de reconhecimento do espaço.

Tal fase pode ser considerada como de apropriação do espaço e de exploração de seu meio-ambiente. Pode ser demarcada pela itinerância dos garimpos e garimpeiros, pela localização das principais áreas de ocorrência diamantífera, pela superação das dificuldades de acesso e abastecimento, entre outros fatores.

As distâncias a percorrer, a falta/precariedade das estradas, o desconhecimento da geografia e topografia da região, o fato da maioria andar a pé, são característicos daquela fase. Tais dificuldades deve ter limitado o volume de cargas (o saco com roupas e algum mantimento) e os instrumentos de trabalho (facão, machado e bateia) que os garimpeiros transportavam. Daí adviria a itinerância.

Assim, nos anos iniciais, é bem provável que só se explorassem os cascalhos mais fáceis (à flor da terra). No afã de encontrar cascalhos mais ricos, e que dispendesse menos trabalho e tempo, os garimpeiros, devassavam aqueles sertões e transpunham o divisor de águas das bacias platina e amazônica sem ao menos saber. Procedendo deste modo foram se espalhando pela vasta zona diamantífera...

Neste fluxo e refluxo, as levas de garimpeiros não se contentariam em mineirar os monchões devassados pelos seus predecessores, espraíram-se pelos afluentes, ainda desconhecidos, do rio das Garças e do Araguaya, e foram, além, embrenhar-se no vale do rio das Pombas e seus tributários...²⁶

Até o início dos anos de 1920, os garimpeiros concentraram-se no vale do Garças. Segundo artigo publicado em jornal, em 1925, por João Arenas:

“A 24 de junho de 1924, diz elle, tendo ido eu, e mais Pedro José, bahiano, José Pacifico, goyano, e Antonio Diamantino, mattogrossense, à fazenda Firmeza, do Sr. Antonio Barcello, afim de combinarmos uma excursão ao ribeirão das Pombas, allí, nessa fazenda, encontramos o Sr. Ruenda, com três

²⁶ Ibid., 68.

amigos... A 27 chegamos ao Pombas, que... apresentou ricas formas. A 29 [...] A 30 de junho encontramos um outro córrego, que recebeu o nome de córrego dos Sete, dado por mim, pelo facto de ter sido tirado ahi sete chibios (diamantes pequenos) e por sermos sete companheiros”²⁷.

A sequência da narrativa de V. C. Filho nos informa sobre a dispersão dos garimpeiros pelo leste mato-grossense, ou melhor, pela cadeia de serras escarpadas, fortemente erodidas pelo tempo, que é característica do divisor de águas das bacias platina e amazônica, área de maior ocorrência de terrenos diamantíferos. Nas suas palavras: “Os afloramentos... se destendiam, do Garças ao Coxim, ao Pombas, ao Roncador, e mais ao longe, ao famoso Diamantino”.

Já em 1914, ano provável da fundação de Santa Rita do Araguaia, o Presidente do Estado de Mato Grosso (Joaquim Augusto da Costa Marques) tentava controlar as disputas por poder na região, e, ao mesmo tempo, conter a onda migratória, ao favorecer um certo Coronel Antônio Mota Moreira com uma ‘Concessão’ estadual para explorar as jazidas minerais, metais e metalóides, fósseis minerais, etc., existente no vale do rio das Garças e seus afluentes, desde as cabeceiras até a sua foz no rio Araguaia.

Tal Concessão, que nunca se concretizou, foi renovada ao longo de vários governos, criando uma situação de tensão junto a homens de poder econômico e político advindos da Bahia e das Minas Gerais e que, de certa forma, financiavam os garimpeiros que se deslocavam para o leste mato-grossense. Em 1925, teria sido o estopim que desencadeou o conflito armado conhecido como ‘Morbeck e Carvalhinho’.

Disputas políticas à parte, dificuldades de acesso aos garimpos, carestia dos gêneros alimentícios, violência exacerbada, o certo é que, na zona garimpeira, chegava gente todos os dias. Novos veios eram descobertos e currutelas garimpeiras surgiam da noite para o dia nas barrancas dos rios. Algumas delas vingaram. Outras pereceram.

As investigações realizadas pelo historiador brasileiro Michael Baxter indicam que para o Garças, em 1923, já havia quarenta e quatro currutelas e uma

²⁷ Ferreira, João Arenas, ‘Restabelecendo a Verdade’, *Correio do Estado*, 18 de abril de 1925.

população de 18.000 pessoas²⁸. Metade viera da Bahia. Um terço do Maranhão. O restante, de outros estados. Há controvérsias sobre tais números.

Em documento de circulação interna, enviado à Inspeção Salesiana de São Paulo, o padre Jean Doroure, Vigário Delegado da Prelazia de Registro do Araguaia, informava que, em 1925, a superfície territorial sob sua jurisdição era de 275.000 km² e sua população estimada em 3.000 almas, distribuídas em vinte currutelas²⁹.

Não há registros escritos das rotas, caminhos e trilhos percorridos para se chegar à zona diamantífera do leste de Mato Grosso até a década de 1920. Somente para os anos a partir dos 1930 é que se pode encontrar alguns relatos, feitos por uns poucos homens e mulheres, ainda vivos nos anos 1980, a um ou outro pesquisador, sobre o modo como saíram de seus estados de origem e alcançaram aqueles garimpos.

As narrativas que ficaram indicam que era praxe que os garimpeiros, ao menos os da Bahia e do Maranhão, viessem em caravanas e, em muitos casos, acompanhados de suas famílias. Eram grupos de pessoas amigas, parentes ou conhecidos que formavam comitivas para enfrentar o sertão.

Nos primeiros anos muitos vieram a pé, trazendo suas tralhas em lombo de animais cargueiros, como jegues (asininos) e burros (muars). A travessia do sertão era longa, árdua e penosa. No geral, durava de seis meses a um ano e meio. Quase sempre os períodos de caminhada eram os dos meses de seca (de maio a outubro), nos meses das águas (novembro a abril) costumava-se trabalhar em roças de mantimentos em alguma das muitas fazendas que se encontravam ao longo do trajeto.

Com o passar dos anos foram se constituindo diversas rotas, dependendo do local do Brasil de onde se vinha, ou mesmo do local do Estado de onde se saía. No caso da Bahia, por exemplo, eram ao menos três os trajetos mais usados. Os de origem maranhense preferiam seguir pelas margens dos rios Tocantins e Araguaia.

Vejamos o caso de Anacleto Magalhães (D. Caçula), que chegou às currutela garimpeira do leste mato-grossense no final dos anos de 1920.

²⁸ Baxter, Michael, *Garimpeiros de Poxoréo*, Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília, 1988.

²⁹ Relatório enviado à Inspeção Salesiana de São Paulo, pelo padre Jean Doroure, Vigário Delegado da Prelazia de Registro do Araguaia em 1938. Arquivo da Diocese de Guiratinga, MT.

“Eu nasci no Maranhão, no município de Balsas. Vim mais meu pai, minha mãe. Viemos viajando de cavalo, de qualquer condução que existia; mais de cavalo, que de qualquer outra condução. Eu lembro que nós primeiro paramos na Balisa (Goiás). Moramos na Balisa uma temporada. Aí de lá nós fomos pro tal do Buriti, lá eu me casei. Tinha 10 anos quando cheguei. Me casei com 15 anos no Buriti. Aí vim pra essa beleza do Tesouro, ...”³⁰.

Ainda do grupo dos maranhenses, vejamos outro depoimento; o do Sr. Ricardo:

“Eu saí de Carolina no Maranhão, que era perto de Goiás. De lá eu vim pra cá, pro Mato Grosso. Eu vim a pé. Eu vim sob a influência do garimpo. Eu vim com meu irmão. Eu tinha 14 anos. Eu vinha manobrado por ele. Só com um bucho nas costas, viemos a pé até na Baliza, na beira do Araguaia. Morador nesse tempo não encontrava. Passava dois, três dias sem ver nenhuma gente. Se encontrasse alguma casa, até se escondia da gente. Vim no ano de 1936. Demoramos um mês porque pegamos o caminho errado em Baliza. No Batovi, eu não fui muito feliz, adoeceu meu irmão. Ficou três anos doente, fogo selvagem. Cheguei em 1937, ...”³¹.

Com relação aos migrantes baianos, também há narrativas, que apesar de mais detalhadas, remontam a um período mais avançado da exploração diamantina. Vejamos:

“Meu nome é Crecêncio Vieira... Meu pai e mãe, todos naturais do que hoje é Nova Colina. Nasci em 1915. Vim da Bahia em 1935. Fiquei sabendo que aqui no Mato Grosso tinha muita garimpagem. Muito diamante. E a gente veio naquela influência. As pessoas que vinham pra cá, pegavam diamante; depois iam passear lá na terra e trazia alguém mais que tava envolvido. Eu vim pra cá, pra ficar 9 meses e, desde então, nunca mais voltei. Nós saímos de lá desse município pra Lapa de Bom Jesus. São 300 km; e foi a cavalo. Outros de a pé, uma turma de quinze, tudo homem, tudo novinho. O mais novo era eu. Tinha 19 anos. Da Lapa do Bom Jesus, nós pegamos o vaporzinho de lá. Viajava a caldeira. Demorava pra chegar em Pirapora. Gastamos dois dias. De Pirapora, nós demos uma volta pra sair em Campo Grande. Nós saímos beirando o rio. Esse trecho todo de Pirapora a Campo

³⁰ Entrevista com Sra. Anacleta Magalhães, Tesouro – MT, setembro de 2002.

³¹ Entrevista com o Sr. Ricardo da Silva, Cuiabá – MT, agosto de 2002.

Grande era feito de trem-de-ferro (possivelmente foi de Minas Gerais ao interior de São Paulo e dali passava à Estrada de Ferro Noroeste do Brasil até Campo Grande/MT). De Campo Grande, saímos pros garimpos. Nosso itinerário era o garimpo..."³².

A cidade de Campo Grande, recém fundada, era a estação final de trens para quem buscava os garimpos da região leste de Mato Grosso e a partir dali era necessário usar outros meios de transporte. Vejamos:

"Eu vim numa caminhoneta. Viemos pra um lugar ali, perto de Coxim. Dava muito diamante... e aí peguei a maleita. Foi seis meses doente. Não tinha médico, nem farmácia ... Então eu vim parar em Itiquira e lá encontrei um tio meu, e nós envolvemos em trabalhar no garimpo.... Quando chegamos lá, tava começando. Tinha uns trinta barracos de garimpeiros. Foi de 1935 pra 1936... Nós trabalhamos de sociedade no garimpo, no comércio e nós tinha um barco que carregava pedestre, cavaleiro, carros. Era uma balsa. Trabalhei nove anos com esse tio meu, de 1935 a 1944.... Nesse meio tempo, eu discuti com a mulher do meu tio, que ele tinha casado de novo. Aí, fui embora sem dar satisfação [...] Aí cheguei aqui no Batovi. Tinha muito diamante e eu fiquei por aqui mesmo. A mulher não tinha vindo ainda. Aí eu mandei uma carta, dizendo que quando eu tivesse dinheiro ia buscar ela, mas ela não esperou. Com três meses, o pai dela trouxe ela aqui a cavalo"³³.

Outro depoimento de um baiano, outro caminho de chegada aos garimpos...

"Saí da Bahia em 1941. Vim pra Goiás, uma cidade por nome de Cristalina. Ali eu tive por um ano; e depois desse ano, eu fui pro norte em Tocantins, e voltei pra Cristalina. De Cristalina eu vim vindo pra Mato Grosso. E vim pra Goiânia, e vim pra Mato Grosso".

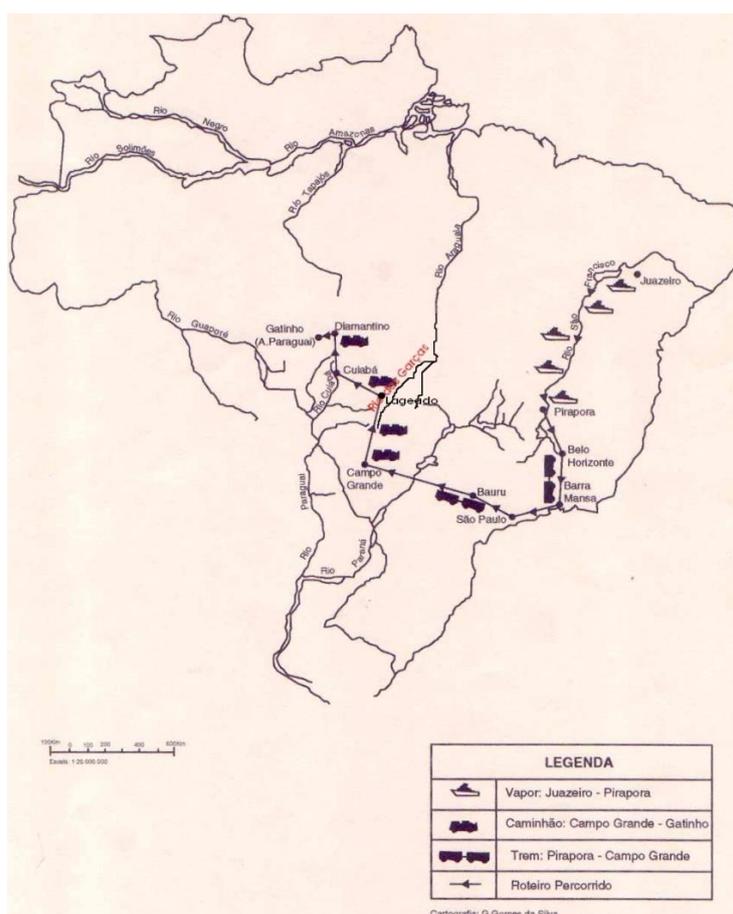
Ainda o mesmo depoente vejamos como narra a sua saída da Bahia:

"Morava nas Lavras. Sai da Bahia... vim até a Lapa, montado num burro. Depois da Lapa, eu peguei um vapor e fui pra Pirapora. De Pirapora, eu peguei um trem pra Cristalina. Em Cristalina, eu trabalhei e depois fui pra Tocantins. De Tocantins, voltei pra Cristalina, novamente. De Cristalina, eu vim

³² Entrevista com o Sr. Crecencio Vieira, Batovi – MT, setembro de 2002

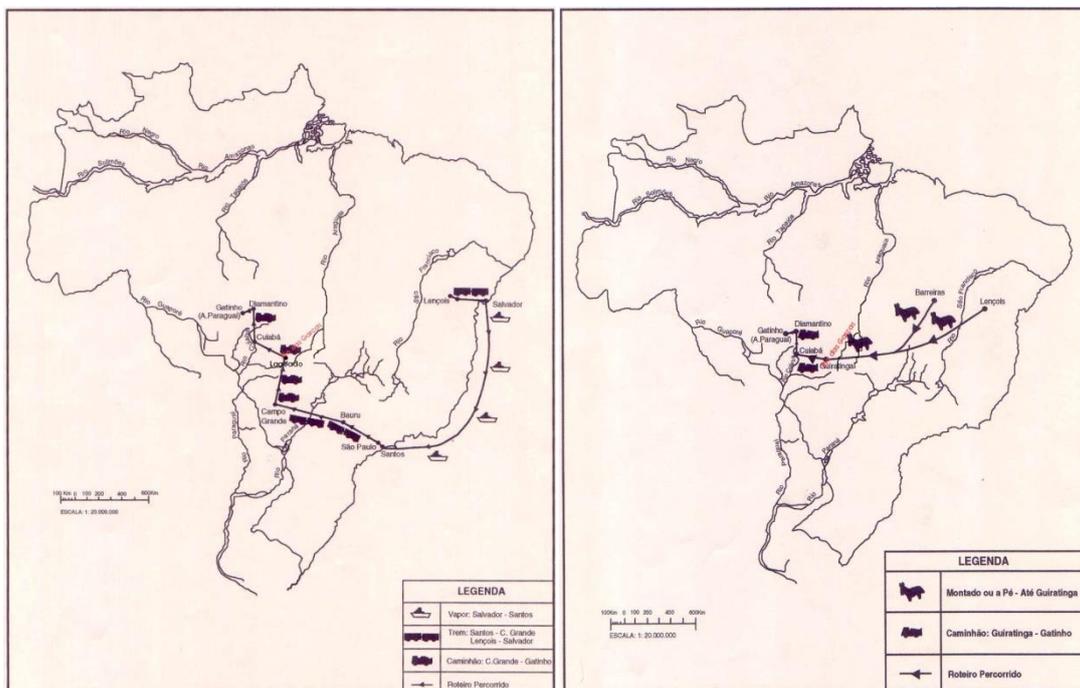
³³ Entrevista com o Sr. Crecêncio Vieira, Batovi – MT, setembro de 2002.

pra Guiratinga. Vim de caminhão. Chegamos em Guiratinga. Demoramos dois, três dias pra chegar. E aí fui trabalhar no garimpo. Na beira do Batovi. Dali, eu fui chamado pra Cachoeira Rica. Aí eu desci pra General Carneiro, e quando voltei, fui pra Batovi. Aí fui trabalhar no Rego D'água. Daí, quando cheguei no Batovi, eu fui trabalhar por minha conta. Trabalhei por mais quatro anos e depois adquiri, por compra, o direito do rego d'água"³⁴.



Roteiro do São Francisco a mesma feita pelo Sr. Crencêncio Vieira. Fonte: Barrozo, João Carlos, *Em Busca da Pedra que Brilha como Estrela: um estudo dos garimpos e garimpeiros do Alto Paraguai-MT*, UNESP, Araraquara, 1997.

³⁴ Entrevista com o Sr. Manoel Conegundes Lucídio, Diamantino – MT, agosto de 2002.



<p>Roteiro de Lençóis até Salvador, e dali ao Porto de Santos, subia-se a Serra do Mar alcançando Jundiáí ou Bauru, seguia por via férrea até Campo Grande.</p>	<p>Roteiro pelo Sertão da Bahia, Goiás até alcançar o rio Araguaia que se subia até a foz que Garça faz nele. Seguia-se a pé ou em lombo de animais muares e cavalares.</p>
---	---

Fonte: Barrozo, João Carlos, *Em Busca da Pedra que Brilha como Estrela: um estudo dos garimpos e garimpeiros do Alto Paraguai-MT*, UNESP, Araraquara, 1997.

Como se pode perceber, eram muitos, variados e difíceis os caminhos para se chegar aos garimpos do leste de Mato Grosso. As narrativas permitem ainda mapear o trânsito destes migrantes de garimpo em garimpo, de currutela em currutela dentro de Mato Grosso, ou mesmo nos estados vizinhos, como Mato Grosso do Sul e Goiás.

Retornando à questão da ocupação de tal espaço físico, o documento dos salesianos supra indicado informa que, para o ano de 1938, a população local passara a 60.000 habitantes, e aponta que, das currutelas erigidas a partir de 1914, Santa Rita do Araguaia (Alto Araguaia), Lageado (Guiratinga), Poxoréo e Barra Cuiabana (Barra do Garças), eram os principais núcleos urbanos do leste de Mato Grosso, já constituídos como municípios desde o ano anterior.

Tais sítios urbanos, em formação, eram os principais centros políticos, administrativos, religiosos, comerciais e culturais do leste mato-grossense. As relações sociais ali eram já intensas e dramáticas. Além dos garimpeiros, prestadores de serviços, profissionais liberais, comerciantes de toda a sorte, pecuaristas e agricultores, tentavam criar ou reproduzir, através do espelhamento em suas cidades de origem, elementos de civilidade no sertão de Mato Grosso, território dos Bororos Orientais.

Das curruelas surgidas a partir de 1914, no leste mato-grossense, vamos dar especial atenção a Lageado (Guiratinga). A justificativa resume-se ao fato de encontrar-se sob sua jurisdição administrativa os distritos de Tesouro e Batovi, objetos desta investigação. Faremos, também, uma breve referência a outros três municípios e aos graves problemas de ordem política que a região vivenciou entre 1914 e 1926: o episódio denominado de 'Morbeck e Carvalhinho'.

Santa Rita do Araguaia foi um dos primeiros dos núcleos urbanos instalado no leste mato-grossense. Até o final dos anos de 1920, foi o principal centro político e administrativo de uma elite migrante que disputava o poder com o governo estadual do Mato Grosso, nos garimpos e curruelas que surgiam a cada dia. A área era, também, disputada pelo governo de Goiás.

Barra Cuiabana, pequeno aglomerado urbano formado no início do século XX, em função de atividades pastoris, recebeu maior alento migratório a partir de 1920 devido à comprovação da existência de diamantes em todo o leito do rio das Garças. Em 1935, foi feito Distrito, e, em 48, criado o Município. Localizado na divisa do estado de Goiás, Barra Cuiabana, depois Barra do Garças, assim como Santa Rita, foi área de litígio entre Mato Grosso e Goiás. Nas décadas de 1940/50 foi um dos pontos de apóio da Fundação Brasil Central e da Expedição Roncador-Xingu que, dada a efemeridade dos achados diamantíferos, foi uma esperança de trabalho e de acesso à terra para grande número de garimpeiros que se dizia 'não ter sorte'.

Lageado surgiu no ano de 1925. Ainda nos primeiros anos da década de 1930, com a perseguição política desencadeada pelo governo estadual sobre Santa Rita, Lageado passou a concentrar o poder político e administrativo daquela extensa área garimpeira. Sede da administração religiosa, centro de irradiação educacional e cultural, passou a congregar todas as atenções. Em seu entorno

gravitavam nove currutelas. Dali, saíam publicações de jornais e revistas que davam notícias do mundo do garimpo.

Uma característica diferenciadora de Lageado, da qual seus moradores sempre tiveram orgulho, era seu traçado urbano, sua organização espacial e sua posição geográfica. Em 1934, o jornal *O Araguaia*, uma publicação local, assim, a descrevia:

*“Ninguém dirá, revendo hoje Lageado que, em cerca de doze anos, das ondulações das serras do leste araguaiano (...) dos anseios de progresso de algumas centenas de homens, procedentes dos mais diferentes pontos do território pátrio, fizeram surgir da mata espessa por onde o selvícola errava... o casario alegre, aberto em largas avenidas e amplas ruas e praças...”*³⁵.

Segundo a historiadora Regina Beatriz G. Neto, tal imagem de uma sociedade melhor estruturada, aos poucos, contribuiu para situar Lageado como um lugar de “importância comercial e cultural”, que, com pouco mais de oito anos de existência, alçou ao *status* de cidade³⁶. Em suas palavras:

*“Foi preciso reunir em um mesmo lugar negócios, construções mais sólidas, escolas, família, igreja, instituições, enfim, que pudessem fazer germinar a identidade de Lageado como núcleo urbano. Prevalecia, sobretudo, a visão de uma urbe mais bem aparelhada materialmente, ressaltando-se seus traços citadinos, valorizado-se ruas e avenidas largas, bairros centrais delimitados (a própria zona de meretrício), construções de alvenaria e com telhados; deploravam-se coberturas de palhas e ruas tortuosas”*³⁷.

Do que se pode depreender da documentação existente, até 1937, Lageado era o único núcleo urbano que havia recebido o *status* de município. Na verdade, desde 1933, quando a sede administrativa do município de Santa Rita do Araguaia foi transferida da cidade do mesmo nome para Lageado é que esta passou a ser o ponto de referência dos garimpos do vasto leste mato-grossense.

³⁵ *O Araguaia*, nº 98, anno 3, Lageado, 1º de Janeiro de 1934. Apud Guimarães Neto, Regina Beatriz, *Grupiaras e Monchões*, UNICAMP, Campinas, 1996, 165.

³⁶ Evolução político-administrativa de Lageado. De início (1924) fazia parte do novo município de Santa Rita do Araguaia, com território desmembrado do de Registro do Araguaia (Resolução estadual nº 837, 25 de outubro de 1921). Em 1929, outra lei estadual (nº 1023, de 25 de setembro) elevava Lageado à categoria de vila; e, finalmente, o Decreto nº 291, de 02 de agosto de 1933, transfere para a vila de Lageado a sede da comarca e município de Santa Rita do Araguaia. Com este ato, Lageado passou a ser a sede administrativa do município de Santa Rita. O Decreto nº 145, de 29 de março de 1938, criou o município de Lageado, e o Decreto nº 545, de 31 de dezembro de 1943, alterou seu nome para Guiratinga.

³⁷ Guimarães Neto, Regina Beatriz, *Grupiaras e Monchões*, 166.

Sob sua zona de influência econômica, social, política e cultural gravitam nove curruelas densamente povoadas. Eram elas: Tesouro, Cassununga, Alcantilado, Balisa, Cafelândia, Itiquira, Diamantino, Batovy e Burity. De cada uma destas, e de muitas outras curruelas garimpeiras, havia estradas boiadeiras e carreiras que demandavam a Lageado, onde as pessoas iam vender os diamantes, frequentar a igreja, ir ao cinema, à zona de meretrício, e se abastecer de mercadorias.

Já na zona garimpeira da bacia Platina, os primeiros núcleos povoados por não-índios foram os de São Paulo, São Pedro, Sete e Pombas e surgiram entre 1920 e 22. Em 1926, acontecimentos políticos, o incêndio que destruiu o povoado de São Pedro e o achado de veios diamantíferos nos rios Areias e Poxoréo transferiram boa parte da população daquelas curruelas para o sopé do Morro da Mesa. Surgiu a curruela do Poxoréo. O afluxo de pessoas para o local e as riquezas dali extraídas foram de tamanha monta que o povoado foi feito Distrito em 32 e Município em 1938.

A fundação desses povoados garimpeiros não ocorreu de modo pacífico. É comum se atribuir às zonas garimpeiras a pecha de violenta. Os garimpeiros normalmente são vistos como 'sujos, feios e maltrapilhos'. No caso da região leste de Mato Grosso, os garimpeiros não foram vistos de modo muito diferente. Talvez não seja por acaso que o episódio mais divulgado de sua história de ocupação seja a luta armada que ali se travou entre 1925 e 1926, e teve como líderes o engenheiro baiano Dr. José Morbeck e o comerciante pernambucano Cel. Manuel Balbino de Carvalho.

Os historiadores ligados às instâncias de poder em Cuiabá, construíram uma versão deste episódio que coloca os dois líderes políticos locais como pessoas ávidas por poder, os garimpeiros como violentos e pouco afeitos a respeitar a lei e o governo de Mato Grosso como mediador de tais conflitos e o restaurador da paz local. Outras leituras podem ser feitas do episódio.

Vejamos a que construímos a partir da releitura das fontes.

Um dos episódios mais divulgados dos garimpos de diamantes do antigo leste de Mato Grosso é mais conhecido como a guerra entre baianos e maranhenses, ou a guerra entre Morbeck e Carvalhinho.

Sobre tal acontecimento, os historiadores e o imaginário popular construíram as mais diferentes versões. O curioso é que elas apresentam alguns pontos em comum, e todas acabam por levar a uma moral da história muito parecida. Algumas das verdades consolidadas sobre o episódio:

1. A região foi ocupada de modo desordenado por uma gente sertaneja ou mesmo bandida;
2. Ali não se respeitava a lei instituída. Havia um conjunto de normas e ética próprias;
3. Imperava a impunidade: terra de riquezas fáceis onde não se fincava raiz;
4. Antro de jogatinas e mulheres vis que se prostituíam: lugar do pecado;
5. Local onde o poder dos coronéis da Bahia se reproduzia, onde não se podia recolher impostos, onde o contrabando imperava;

Enfim, uma terra sem lei. Todos estes argumentos somados levam à necessidade e justificam a presença de um Estado forte (armado) na região, coibindo, disciplinando e civilizando 'aquela gente tão bárbara'. Talvez, não seja por acaso que Virgílio Correa Filho não registre, em seu livro sobre a região, datado do ano de 1926, ou seja, 'escrito no calor da hora', a presença de cuiabanos ali garimpando.



Capa do libreto da Canção do Garimpeiro. Ao centro a foto de José Morbeck e à direita a de Manuel Balbino Carvalho (Carvalinho) Fonte: Oliveira, Altair Machado de, *Alto Araguaia dos Garimpos à Soja*, Print Express, Cuiabá, 1998.

Ainda que as informações sobre o espaço-tempo sejam repletas de adjetivos, negatizando o comportamento do garimpeiro, elas são menos rigorosas para com os capangueiros e políticos que ansiavam exercer controle ou mesmo dominar a produção diamantífera e os garimpeiros que chegavam a cada dia àquela vasta área de terras.

Por exemplo, o papel e o esforço que o governo de Mato Grosso desempenhou para exercer controle sobre a região é ora escamoteado, ora justificado de modo positivo. Assim, o jogo de poder por trás das Concessões, que dava a alguém o monopólio de explorar aquelas terras, em detrimento de milhares de garimpeiros, é quase sempre minimizado.

Recuperar a cronologia e a trajetória das Concessões, talvez ajude a entender melhor as forças que disputavam poder no leste mato-grossense e os conflitos resultantes de tais disputas.

Segundo consta das informações deixadas por Virgílio Correa Filho, que à época do conflito era genro do Presidente do Estado e seu Secretário de Governo, a cronologia das Concessões é a que se segue:

“No ano de 1914, o governo autoriza uma Concessão ao Sr. Moraes Delgado. Afazendado na região diamantina, o mesmo não conseguiu levar avante o projeto, em que foi substituído pelo Coronel Antonio M. Moreira. Seu pedido foi confirmado pela ‘Resolução 686, de 26 de julho de 1914; e a Lei 707, de 15 de junho de 1915, que ampliou seus poderes. Tal Concessão foi repassada para a Companhia Indústria e Comércio, em algum momento antes de 1922; ano que o senador Azeredo intercedia em favor do sr. Daniel de Lima. Em abril de 1923, caduca a Concessão de 1914 e o Estado de Mato Grosso toma para si, de acordo com o Decreto 635, de 12 de maio de 1923, o direito de ‘conceder datas mineraes pela forma que a Assembléa estabelecer’”³⁸.

Apresentado de modo tão esquemático, a cronologia das Concessões não registra o grau de instabilidade e tensão social que as mesmas causavam sobre milhares de garimpeiros que, quase sempre acompanhados de suas famílias, parentes e amigos, aventuraram por centenas e milhares de quilômetros em busca do sonho de enriquecer e voltar para sua terra de origem.

³⁸ Corrêa Filho, Virgílio, *À cata do ouro e diamantes*, 70-72.

Uma leitura mais apurada do citado autor permite-nos encontrar as seguintes forças que disputavam poder econômico e político na região: os garimpeiros, vindos dos mais diversos estados do Brasil; o engenheiro agrônomo José Morbeck e o comerciante Manuel Balbino Carvalho (Carvalhinho) catalisavam as disputas internas, representando as forças migrantes; por sua vez o capangueiro Daniel de Lima, apoiado pelo então todo poderoso senador Azeredo, representava os capitalistas exportadores de pedras preciosas de Minas Gerais e do Rio de Janeiro; além dos interesses do governo de Mato Grosso, que sustentava uma disputa territorial com o governo de Goiás, por aquela faixa de terras desde o século XIX.

Vamos aos antecedentes e ao conflito³⁹.

O engenheiro agrônomo José Morbeck era, em 1913, Diretor da Repartição de Terras, Minas e Colonização do estado de Mato Grosso. Neste cargo, logo tomou conhecimento das descobertas de diamantes no vale dos rios das Garças e Araguaia. Sendo baiano, e tendo fazenda de criação de gado na região, logo tratou de se aproximar dos garimpeiros, na sua maioria, também baianos.

Como se posicionou contra a Concessão das minas diamantíferas ao coronel Antônio Mota de Moreira foi demitido. Por sua atitude de enfrentar o governo do qual fazia parte e por ter 'sacrificado' o seu cargo em defesa de interesses gerais, ganhou a confiança e admiração dos garimpeiros, passando a ser considerado como seu grande benfeitor e líder.

Mudou-se, então, para a sua fazenda na zona diamantífera. Passou a controlar os novos povoados e núcleos garimpeiros que iam surgindo na região, mandando para aqueles lugares homens de sua confiança que colocavam ordem nos agrupamentos que se iam formando. A situação começou a ficar cada dia mais tensa. Episódios de violência ocorriam com frequência. O governo do Estado tentava controlar a região através da nomeação dos 'Delegados Especiais do Garças e Araguaia'.

Entre 1914 e 1924, a situação no leste era incerta e tensa e o poder de José Morbeck crescia. Vejamos. Como a região era área de litígio entre os estados de Mato Grosso e Goiás, aquele governo o namorava. Os líderes da Coluna Prestes na sua primeira entrada em Mato Grosso, 1925, e Morbeck chegaram a pensar numa

³⁹ A reconstituição dos passos do conflito aqui descrito utilizou-se das versões de Luis Sabóia Ribeiro, Valdon Varjão, Altair Machado de Oliveira e, principalmente, de Basileu Toledo de França, Jurandir da Cruz Xavier e Virgílio Correa Filho, referenciados na bibliografia.

aliança. Sua fama espalhava-se por todo o país. Fazia-se necessário conter tal poder.

Destacamos alguns fatos violentos que, não só acirraram os ânimos, como serviram de justificativa para a intervenção armada do governo de Mato Grosso na área. Com a palavra o Secretário de Governo, Virgílio Correa Filho:

“Além de outros sucessos de menor relevância, correm por conta dos garimpeiros, ou melhor, do seu mentor ostensivo, os seguintes atentados: I) Expulsão do juiz de direito da comarca de Registro do Araguaya (1916)... II) Expulsão do promotor das comarca, Alloysio Valladares, em 1923; III) Fuzilamento de Olavo de Tal e mais oito companheiros, em Setembro de 1924, no Alcantilado do Garças; IV) Morticínio de Maranhenses, em Dezembro, nos garimpos de Pombas; V) assalto à Delegacia de Polícia de S. Rita do Araguaya, a 24 de Maio de 1925, e saque da casa commercial do respectivo delegado, Manoel de Carvalho. (...)”⁴⁰.

Além desses episódios, ocorria que o governo do Estado não conseguia cobrar impostos sobre o volume de diamantes extraídos. “A arrecadação dos impostos devidos pelos garimpeiros apenas foi iniciada em Cassununga, no 1º semestre de 1924, e logo interrompida, para ser de novo encetada em fevereiro de 1925”. Outro fator detonador do conflito foi a famosa reunião acontecida em Cassununga, em 22 de fevereiro de 1925, na qual os líderes do garimpo impunham ao Governo do Estado uma série de limites e subordinação para que o mesmo ali exercesse poder.

Urgia que o governo estadual tomasse providências no sentido de controlar o processo de ocupação de sua zona leste sob risco de perdê-la.

Para controlar a região, o governador Pedro Celestino, elaborou um plano cuja estratégia principal era dividir o poder entre os dois principais líderes na região garimpeira (José Morbeck e Manoel Balbino de Carvalho, o Carvalhinho, que eram compadres e sócios). Para tanto, chamou Carvalhinho a Cuiabá e o nomeou Delegado Especial do Garças e Araguaia. O estopim do conflito estava armado.

Carvalhinho voltou a Santa Rita do Araguaia investido do cargo de Delegado e trouxe consigo uma escolta de soldados bem armados. Morbeck, avisado em

⁴⁰ Corrêa Filho, Virgílio, *À Cata do Ouro e Diamantes*, 72 e 73.

Cassununga de que seria, em breve, atacado pelos homens de Carvalhinho, reuniu alguns homens e, na madrugada do dia 24 de maio de 1925, antecipou-se na ação, atacando, à noite, a Delegacia de Polícia de Santa Rita do Araguaia.



Estabelecimento comercial de Carvalhinho em Bonito (Alto Graças) após um ataque das forças comandadas por José Morbeck. Fonte: Oliveira, Altair Machado de, *Alto Araguaia dos Garimpos à Soja*, Print Express, Cuiabá, 1998.

Acordados com o barulho das rajadas de tiros, os homens de Carvalhinho, sem condições de resistir, para se salvarem, lançaram-se nas águas do rio Araguaia, atravessando-o a nado. Tal acontecimento sugeriu os apelidos que passaram identificar, daí por diante, os dois grupos em luta; Morcegos eram os homens de Morbeck, 'porque atacaram à noite', e Cai N'água, os homens de Carvalhinho, 'porque caíram nas águas do rio Araguaia para se salvarem'.

Carvalhinho fugiu para Goiás, e daí para a Bahia. De Salvador telegrafou para o Presidente do Estado de Mato Grosso, Pedro Celestino Correa da Costa, que lhe reiterou o apoio, fornecendo-lhe mais 300 praças. De Salvador ele, seguiu para a Chapada Diamantina, onde contratou jagunços e cruzando os sertões de Goiás, voltou ao Mato Grosso. Ali chegando, em seis de setembro de 1925, mandou recrutar garimpeiros em São Pedro, futuro município de Poxoréo. Ao todo,

arregimentou cerca de 200 praças e 300 garimpeiros das currutelas de São Pedro, Tesouro, Cassununga e Lageado.

Por seu lado, as mesmas providências de recrutamento já tinham sido tomadas pelos homens de Morbeck, agora comandados pelo coronel Candinho, pois Morbeck se encontrava no Rio de Janeiro, a convite do governo de Mato Grosso. Carvalhinho e seus homens, agora comandados pelo capitão de polícia Daniel de Queiroz, partiram para o Garças na captura das forças Morbequinas.



Coluna das forças comandadas por Daniel de Queiroz que venceu as forças de José Morbeck no famoso confronto ocorrido no Morro da Arnica. Fonte: Oliveira, Altair Machado de, *Alto Araguaia dos Garimpos à Soja*, Print Express, Cuiabá, 1998.

O confronto aconteceu no Morro da Arnica, próximo a Tesouro e Cassununga. Os homens sob as ordens do coronel Candinho/Morbeck, ocuparam a parte superior do Morro da Arnica. Por sua vez, os homens de Carvalhinho, circularam a elevação, tomando todas as suas descidas. Feito isso, entrincheiraram-se, cessaram fogo e esperaram que a fome e a sede os obrigassem a se expor a descoberto nas descidas íngremes e difíceis da colina. Percebendo o erro estratégico, os homens de Candinho precipitaram-se numa fuga arriscada, sofrendo com isso muitas baixas.

O capitão Daniel de Queiroz e os homens de Carvalhinho perseguiram as tropas de Morbeck, comandas por Candinho, em fuga desordenada. De vitória em vitória tomaram os mais importantes povoados e curruelas, inclusive Santa Rita, de onde anteriormente fugira.

Morbeck chegou do Rio de Janeiro passando por Goiás no esforço de reorganizar suas tropas. Em dezembro de 1925, de novo, cercaram as tropas de Carvalhinho em Santa Rita do Araguaia. Aconteceram combates em "22 e 24 desse mez, sendo, por fim esphacelada a sua força nos encontros de 21 a 23 de Janeiro de 1926". Novamente, depois de acirradas batalhas, as forças morbequinas foram rechaçadas e dispersam, perdendo força.

A partir de 1926, ao assumir o novo governador, Mário Corrêa da Costa, tomou o poder na região diamantífera de todo o leste mato-grossense. Aos poucos, foram ali implementados aparatos de controle político, administrativo e econômico, fosse através da elevação de algumas curruelas à cidade, sedes de município, fosse instalando nelas coletorias estaduais (o que não significou conter a evasão de divisas, pois tolerava-se o contrabando de diamantes). Nesse movimento fizeram-se novas alianças com os líderes locais que aceitavam e reconheciam o poder emanado de Cuiabá.

Desde então, as disputas políticas naqueles garimpos passaram a ser controladas/negociadas desde Cuiabá, entretanto, o governo estadual desistiu da ideia de dar em concessão a área a quem quer que fosse. Como parte do mesmo acordo tácito, nas décadas seguintes, 'a região' passou a ter representatividade na Assembleia Legislativa estadual. Assim, as pessoas ali radicadas e as que para ali afluíam, cada vez em maior número, tiveram, na prática, que aprender a gerir os problemas que a cada dia iam surgindo.

Fecha de recepción: 25/01/18
Aceptado para publicación: 15/04/18

Referencias Bibliográficas

- Barrozo, João Carlos, “Em Busca da Pedra que Brilha como Estrela: um estudo dos garimpos e garimpeiros do Alto Paraguai-MT”, Tese de Doutorado, UNESP / Araraquara, 1997.
- Barrozo, João Carlos, *Em Busca da Pedra que Brilha como Estrela: um estudo dos garimpos e garimpeiros do Alto Paraguai-Diamantino*, EdUFMT, Carlini & Caniato, Cuiabá, 2007.
- Baxter, Michael, *Garimpeiros de Poxoréu: Mineradores de pequena escala de diamantes e seu meio ambiente no Brasil*, Ed. Centro Gráfico do Senado Federal, Brasília, 1988.
- Brasileiro, Francisco, *Na serra do Roncador*, Ed. Cia Nacional, São Paulo, 1953.
- Bruno, Ernani S., *História do Brasil Geral e Regional: Grande Oeste (Goiás –Mato Grosso)*, Ed. Cultrix, São Paulo, 1967.
- Caldas, João Augusto, *Memória Histórica sobre os indígenas da Província de Mato Grosso*, Tipografia Moraes, Rio de Janeiro, 1887.
- Campos, Fausto Vieira de, *Retrato de Mato Grosso*, s/ed, São Paulo, 1955.
- Colbacchini, Antonio, *Á luz do cruzeiro do sul*, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1939.
- Coelho, Julio César, “Lapidando diamantes: a presença da mulher nas zonas diamantíferas do leste mato-grossense (Lageado, 1932-1925)”, Dissertação de Mestrado, PPGHIS/UFMT, Cuiabá, 2005.
- Corrêa Filho, Virgílio, *Mato Grosso*, Coeditora Brasília, Rio Janeiro, 1939.
- Corrêa Filho, Virgílio, *À cata de ouro e diamantes*, Paulo Pongueti, Rio de Janeiro, 1926.
- Coy, Martin, “Transformação Sócio-Ambiental do Espaço Urbano e Planejado em Cuiabá (Mato Grosso)”, *Cadernos do NERU/Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos*, ICHS – UFMT, 3, EdUFMT, Cuiabá, 1994.
- Drumond, C., *Contribuição do Bororo a Toponímia Brasileira*, Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 1965.
- Ferreira, Jurandir Pires, *Enciclopédia dos municípios brasileiros*, IBGE, Rio de Janeiro, 1958.
- Ferreira, Manoel Rodrigues, *Nos sertões do lendário rio das mortes*, Ed. do Brasil S.A., São Paulo, 1946.
- França, Basileu Toledo, *O Triângulo dos Diamantes*, Ed. da UFG, Goiânia, 1994.
- Francisco, Adilson José, *Educação e Modernidade: Os Salesianos em Mato Grosso 1894 – 1919*, EdUFMT/Entrelinhas, Cuiabá, 2010.

- Franco, Augusto de, *Uma Estratégia de Indução ao Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável*, Presidência da República/Casa Civil/Secretaria Executiva do Comunidade Solidária, Brasília: s/d.
- Gontijo, Nicozina M. C., *O brilho e a miséria: a exploração de diamante em Poxoréo – MT. (1930 – 1940)*, UNB, Brasília, 1988.
- Guimarães Neto, Regina Beatriz, “Grupiaras e monchões: Garimpos e cidades na história do povoamento do leste de Mato Grosso - primeira metade do século vinte”, Tese de doutorado, UNICAMP, Campinas, 1996.
- Guimarães Neto, Regina Beatriz, *Cidades da mineração: memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX*, EdUFMT/ Carlini & Caniato, Cuiabá, 2006.
- Lenharo, Alcir, *Colonização e trabalho no Brasil: Amazônia, Nordeste e Centro-Oeste*, Ed. Unicamp, Campinas, 1986.
- Lévi-Strauss. C., *Triste Trópicos*, Companhia da Letras, São Paulo, 1998.
- Lucidio, João Antonio Botelho, *Ofício e Arte: fotógrafos e fotografia em Mato Grosso 1860-1960*, EdUFMT/Carlini & Caniato, Cuiabá, 2008.
- Mendonça, Estevão de, *Datas Mato-Grossenses*, 2 vols. 2 ed., Rio Bonito, Goiânia, 1973.
- Morais, Walfrido, *Jagunços e heróis: A civilização do diamante nas Lavras da Bahia*, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1963.
- Neves, Maria M.R. de Novís, *Elites políticas: Competição e dinâmica partidário eleitoral (Caso Mato Grosso)*, Ed. IUPERJ/Vértice, Rio de Janeiro, 1988.
- Novais, Sylvia Caiuby, *Jogos de Espelhos: Imagens da Representação de si através dos Outros*, EdUSP, São Paulo, 1993.
- Oliveira, Altair M., *Alto Araguaia dos garimpos à soja*, Ed. Print Express, Cuiabá, 1998.
- Ribeiro, Luis Sabóia, *Caçadores de Diamantes*, MELSO, Rio de Janeiro, 1959.
- Rondon, Cândido Mariano da Silva, *Índios do Brasil: das cabeceiras do rio Xingu, rios Araguaia e Oiapoque*, CNPI / Ministério da Agricultura, Rio de Janeiro, v. II, 1953.
- Silva, Hermano R. da, *Garimpos de Mato Grosso*, Saraiva, São Paulo, 1936.
- Silva, Hermano R. da, *Nos sertões do Araguaia*, Saraiva, São Paulo, 1935.
- Souza, Dannyely Messias de, “A vinda da Congregação Salesiana à Província de Mato Grosso e sua missão junto aos Bororo Coroados (1880-1920)”, Dissertação de Mestrado, PPGHIS/UFMT, Cuiabá, 2010.
- Steinen, Karl von den, *Entre os Aborígenes do Brasil Central*, Dep. de Cultura de São Paulo, São Paulo, 1940.

Varjão, Valdon, *Barra do Garças (Migalhas de sua História)*, Senado Federal, Centro Gráfico, Brasília, 1985.

Varjão, Valdon, *Barra do Garças: do passado ao presente*, Senado Federal, Centro Gráfico, Brasília, 1992.

Viertler, Brigitte Renate, “*As Duras Penas: Um histórico das relações entre índios Bororo e ‘civilizados’ no Mato Grosso.1990*”. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo, 1990.

Villas Boas, Claudio e Orlando, *A marcha para o Oeste: a epopéia da expedição Roncador Xingu*, Globo, São Paulo, 1994.

Viveiros, Esther de, *Rondon conta sua vida*, José Olímpio, Rio de Janeiro, 1958.

Xavier, Jurandir da C., *O Poxoréo e o Garças: A saga dos garimpeiros: Calendários do Sol*, Cuiabá, 1999.

Jornais:

O Araguaia, (Semanal, dimensão: 27 x3 7,44 páginas), Lageado (Guiratinga), 1934.

O Araguaia, (Quinzenal, dimensão: 32x46), Santa Rita do Araguaia, 1927.

Novo Mundo, (Quinzenal), Lageado (Guiratinga), 1946.

Jornal da Ilamaf (Edição especial, ano I, número I, Cuiabá, agosto de 1982).

Jornal Correio do Estado, órgão do Partido Republicano Matogrossense, João Arenas Ferreira. ‘*Restabelecendo a Verdade*’, Cuiabá, 18 de Abril de 1925.

Jornal Folha de São Paulo, Artigo publicado em 26/09/1999.

Revistas:

O Garimpeiro, (Revista mensal, 33 páginas), Lageado, 1937/1940.

Ano I: 1937 Maio – Out (2);

Ano I/II: 1938 Jan / Fev – Jun/Ago – Out (6);

Ano II/III: 1939 Jan / Fev – Abr – Jul / Set (7);

Ano II I/ IV: 1940 Jan / Fev / Mar / Abr / Mai / Jun (6).

Álbuns:

Missões Salesianas em Matto Grosso: 1894 – 1908. Catálogo preparado para a Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908.

Missões Salesianas em Mato Grosso e Goiás no seu cinquentenário: 1894 – 18 de junho – 1944.

Relatórios:

Relatório enviado à Inspetoria Salesiana de São Paulo, pelo padre Jean Doroure, Vigário Delegado da Prelazia de Registro do Araguaia em 1938. Arquivo da Diocese de Guiratinga, MT.

Diagnóstico Participativo Local – Tesouro, Mato Grosso, 1999/2000. Arquivo da Prefeitura de Tesouro.

Depoimentos:

Depoente	Data	Local
Permínio Vieira Moura e Zelina Barros Moura	Agosto de 2002	Cuiabá – MT
Ricardo da Silva	Agosto de 2002	Cuiabá – MT
Manoel Conegundes Lucidio (Seu Gune) e Olindina Botelho Lucidio	Agosto de 2002	Diamantino – MT
Anacleto Moreno Magalhães (Dona Caçula) e Aldemir Moreno Magalhães	Setembro de 2002	Tesouro – MT
Acely Dias de Souza	Setembro de 2002	Tesouro – MT
José Morales Filho Hildo Morales Paixão	Setembro de 2002	Tesouro – MT
Noemi Moraes Arleny Moraes	Setembro de 2002	Tesouro – MT
Crecêncio Vieira	Setembro de 2002	Batovi – MT
Angélica de Souza Gaspar (Dona Roxinha), João Batista de Souza Gaspar e João Evangelista de Souza Gaspar	Setembro de 2002	Batovi – MT
Manoel Ramos (Mané Ramo)	Setembro de 2002	Batovi – MT
Edson Marques	Setembro de 2002	Batovi – MT